

## Variação PE-PB sem configuracionalidade discursiva

argumentos adicionais para a primazia da sintaxe

João Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, J. Variação PE-PB sem configuracionalidade discursiva: argumentos adicionais para a primazia da sintaxe. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 109-122. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



# Variação PE-PB sem configuracionalidade discursiva: argumentos adicionais para a primazia da sintaxe

João COSTA  
Universidade Nova de Lisboa

## Introdução

A compreensão da variação sintáctica entre a variedade brasileira e a variedade europeia do português abre uma janela sobre o entendimento do que pode ter acontecido em termos diacrónicos e das possibilidades e limites da mudança linguística. Propostas recentes sobre a variação entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) (GALVES, 2001; DUARTE, 2004; DUARTE; KATO, 2008) sugerem que esta variedade do português sofreu uma mudança no sentido de se tornar uma língua de configuracionalidade discursiva e de orientação para tópico, no sentido de Li e Thompson (1976). Em Costa (2010b), apresentei vários argumentos empíricos contra esta proposta, mostrando que as diferenças existentes entre PE e PB não podem ser atribuídas ao estatuto de orientação para tópico desta variedade, uma vez que as possibilidades de promoção de tópicos não diferenciam as duas variedades de forma crucial. Propus, em alternativa, que a variação seja entendida em termos microparamétricos, estando circunscrita ao papel desempenhado pela categoria funcional I(nflection). Ainda em Costa (2010a,b), propus que este tipo de variação não seria expectável se se assumir que a componente sintáctica da gramática não codifica informação de natureza discursiva.

No presente artigo, revejo os argumentos então apresentados e exploro uma das propostas feitas: a de que a sintaxe não codifica informação de natureza discursiva. Esta hipótese encontra problemas óbvios quando se pensa em estruturas como a construção de objecto nulo ou as clivadas, que parecem ser estruturas sintácticas motivadas por questões discursivas. Defendo, neste artigo, que, apesar de, à primeira vista, assim parecer,

na verdade, mesmo estas construções não são evidência suficientemente robusta para se defender que a sintaxe codifica informação de natureza discursiva.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma:

Na secção 1, retomo a argumentação de Costa (2010b), em que se mostra que o PE e o PB não diferem fundamentalmente no que diz respeito a orientação para o discurso. Apresentam-se ainda alguns dos argumentos de Costa e Figueiredo Silva (2006) no mesmo sentido.

Na secção 2, apresentam-se as linhas gerais de uma hipótese sobre a relação entre sintaxe e discurso, segundo a qual a sintaxe não é sensível a informação de natureza discursiva, actuando a estrutura informacional pós-sintacticamente sobre os *outputs* da sintaxe. Nesta perspectiva, traços como *tópico* ou *foco* podem ser vistos como categorias que nunca actuam como desencadeadores sintácticos.

Na secção 3, mostra-se que, apesar de superficialmente parecer o contrário, as estruturas clivadas e as estruturas com objecto nulo não são evidência inequívoca a favor da integração de informação de natureza discursiva na componente sintáctica.

## 1 PE e PB: mais semelhanças do que diferenças

A proposta de que o PB, ao contrário do PE, terá sofrido uma mudança no sentido de se tornar uma língua de tópico deve-se a Pontes (1987) e a Galves (2001). Estas autoras observam que, em PB, ao contrário do que acontece em PE, são possíveis construções como (1), em que um tópico desencadeia concordância com o verbo:

(1) Essas casas batem sol.

De acordo com Li e Thompson (1976), uma língua de proeminência de tópico distingue-se de uma língua de proeminência de sujeito, porque naquela as funções discursivas (como tópico) actuam como desencadeadores de operações sintácticas. Espera-se, portanto, que, em línguas de proeminência de tópico, esta função discursiva possa controlar processos de concordância ou ser um *trigger* para movimento sintáctico.

Duarte (2004) e Duarte e Kato (2008) listam as seguintes construções como argumentos a favor da caracterização do PB como língua de tópico:

a) Construção 1: Ocorrência irrestrita de sujeitos duplos.

Como se pode observar em (2), o PB admite redobro de sujeitos por um pronome em construções remissivas da deslocação à esquerda existente em francês, descrita, por exemplo, em Rizzi (1986) e ilustrada em (3):

- (2) a. [Essa competência]<sub>i</sub>, *ela<sub>i</sub>* é de natureza mental.  
 b. [Mulher nenhuma]<sub>i</sub> *ela<sub>i</sub>* pode querer dominar o homem. [O homem]<sub>i</sub> *ele<sub>i</sub>* é livre por natureza. [A mulher]<sub>i</sub> *ela<sub>i</sub>* tem que aceitar isso.  
 c. [Toda criança]<sub>i</sub> *ela<sub>i</sub>* aprende rápido a gostar de coca-cola.  
 d. [O que é bom, o que é de qualidade]<sub>i</sub> *ele<sub>i</sub>* fica; [o que é ruim]<sub>i</sub> *ele<sub>i</sub>* se perde.
- (3) Jean, il est lá.  
 Jean, ele está ali.  
 “Jean está ali.”

Em Costa, Duarte e Silva (2006), defendemos que esta construção do PB não é um bom argumento para a proeminência de tópico, uma vez que os sujeitos duplos do PB também podem afectar constituintes que não são tópicos, como genéricos ou orações relativas livres.

b) Construção 2: Sujeitos lexicais locativos e deícticos (DUARTE, 2004).

Duarte (2004) observa que são frequentes os casos de preenchimento da posição de sujeito de verbos meteorológicos por sujeitos lexicais locativos ou deícticos, conforme ilustrado em (4). Que este preenchimento se faz na posição de sujeito torna-se evidente pelo facto de haver casos de concordância visível entre o sujeito lexical locativo e o verbo, como em (4c):

- (4) a. Aqui ‘tá quente.  
 b. São Paulo chove; o Rio faz sol.  
 c. Essas florestas chovem muito.  
 d. Petrópolis, aquilo chove demais.

De acordo com Duarte (2004), todos estes casos instanciam configurações em que um tópico é atraído para a posição de especificador mais alta, preenchendo, em alguns casos, a posição de sujeito.

Em Costa (2010b), mostrou-se que a realização destes sujeitos expletivos não é específica do PB, sendo também atestada em PE:

- (5) a. “O Largo Camões, aquilo faz um frio”  
<http://forumusica.com/?showtopic=52164&st=360> (21/07/09)  
 b. “Podem-me chamar de parva, de burra, de tudo, por ter voltado a Idanha (sim porque aquilo faz um calor desgraçado)! “  
[www.fotolog.com](http://www.fotolog.com) (21/07/09)

A única construção que não se encontra atestada é a paralela à frase (4c), em que o elemento pré-verbal com valor locativo desencadeia concordância. Nesta medida, a possibilidade de anteposição de um tópico não distingue as duas gramáticas.

- c) Construção 3: Construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes.

Kato e Tarallo (1986), Duarte (2004), Callou e Duarte (2005), entre outros, mostram que o verbo *ter* existencial pode ocorrer com pronomes pré-verbais:

- (6) a. 'Cê *tem* prédios lindos em Londres.  
b. Eu *tenho* uma papelaria ali na esquina que tira cópia baratinho.  
c. A gente não *tem* mais comércio no centro da cidade.

De acordo com algumas interpretações, o pronome inserido preenche a posição do sujeito, mas é simultaneamente interpretado como um tópico discursivo. Em Costa (2010b), mostra-se que esta é uma possibilidade também em PE:

- (7) a. A gente tem uma boa padaria no bairro.  
b. Nós temos muita corrupção no país.  
c. Tu tens muitos perigos em Setúbal.  
d. Eu tenho um aeroporto perto de casa e não consigo dormir.

Em nenhum dos exemplos em (7) se encontra um valor de posse. Todos os sujeitos presentes têm valor indeterminado, conforme independentemente defendido em I. Duarte et al. (2002).

- d) Construção 4: Hiperelevação do sujeito com “parecer” (FERREIRA, 2000, e.o.).

Conforme se mostra em (8), em PB, são possíveis construções em que um sujeito encaixado de uma completiva finita é elevado para a posição de sujeito matriz do verbo “parecer”, o que não é esperado de acordo com a análise clássica de elevação, baseada em caso:

- (8) a. Tem ocasiões que eu<sub>i</sub> nem pareço [que t<sub>i</sub> sou brasileiro].  
b. [Caso [as aulas]<sub>i</sub> pareçam [que t<sub>i</sub> vão voltar ]]eu mando eles pra escola de novo.  
c. Quando eu brigo, eu pareço [que eu vou explodir de raiva].  
d. Vocês parecem [que vocês não pensam na vida].

Também esta construção é interpretada, por exemplo em Duarte e Kato (2008), como derivando da configuração discursiva da gramática do PB e, mais precisamente, como reflexo de o PB se ter tornado uma língua de proeminência de tópico.

Em Costa e Rooryck (1995), são apresentados casos de hiper-elevação do sujeito em PE, como os seguintes:

- (9) a. Eu pareço que estou cansado.
- b. Tu pareces que estás parvo.
- c. Nós parecemos que estamos doentes.

Em Costa (2010b), apresentam-se alguns exemplos retirados da *internet*:

- (10) a. Não sei de que região és natural, mas pareces que estás numa pega.  
      [www.foruns.clix.pt](http://www.foruns.clix.pt)
- b. As pessoas dizem que eu nem pareço que tenho 17 anos.  
      [www.autohoje.pt](http://www.autohoje.pt)
- c. Escrever é bom, sobretudo quando não temos alguém em quem confiar, quando estamos sozinhos e *parecemos que vamos* rebentar e então explodimos  
      [www.poetisasonhadora.blogs.sapo.pt](http://www.poetisasonhadora.blogs.sapo.pt)
- d. oh esquece eu às vezes até pareço que como palha com um garfo.  
      [www.psp-news.org](http://www.psp-news.org)

Apesar de Costa e Rooryck (1995) não analisarem estes casos como instâncias de hiper-elevação, argumentando que o sujeito superior é gerado na domínio matriz, a verdade é que, superficialmente, as construções do PE e do PB são muito semelhantes, tornando-se necessário aprofundar estas parecências para descobrir se não se trata da mesma construção.

- e) Construção 5: Ergatização de verbos transitivos.

Outra construção geralmente apontada como evidência para analisar o PB como uma língua com proeminência de tópico é a ergatização de verbos transitivos, em que um complemento de um verbo transitivo é promovido, passando a realizar-se como sujeito de um verbo ergativo, como nas frases de (11):

- (11) a. A revista tá xerocando.
- b. Com a reforma, meu jardim destruiu inteirinho.

Também esta construção se encontra amplamente atestada em PE, conforme se mostra nos seguintes exemplos:

- (12) a. O trabalho está a imprimir.  
 b. O bolo está a cozer.  
 c. Com o calor, a manteiga derreteu todinha.  
 d. A fábrica fechou com a crise.  
 e. A cadeira baloiçou com o vento.
- f) Construção 6: Elevação de genitivos em construções inacusativas.

Das construções listadas como caracterizadoras do PB enquanto língua de tópico, a única em que se encontrou uma diferença de facto entre as duas variedades do português foi a elevação de genitivos em construções inacusativas, como se ilustra em (13):

- (13) a. [Meu carro]<sub>i</sub> furou [o pneu *t<sub>i</sub>*]  
 b. [Minhas pernas]<sub>i</sub> racharam [a pele *t<sub>i</sub>*].

Em PE, são agramaticais frases como as apresentadas em (14):

- (14) a. \*Essas casas batem sol.  
 b. \*Os meus vizinhos morreram a mãe.  
 c. \*As minhas duas árvores apodreceram a raiz.

Costa (2010b) mostra, contudo, serem possíveis topicalizações selvagens em PE (I. DUARTE, 1987, 1996), como as ilustradas em (15):

- (15) a. Essas casas, bate imenso sol.  
 b. Os meus vizinhos, morreu a mãe.  
 c. As minhas duas árvores, apodreceu a raiz.  
 d. O meu carro, furaram os pneus.  
 e. As minhas pernas, rachou a pele.

Assim, a diferença principal entre PE e PB não se encontra na estratégia de promoção de tópico, mas sim na possibilidade de se encontrar concordância com um tópico.

## 2 A relação sintaxe-discurso e possibilidades de variação interlinguística

A hipótese de que a variação sintáctica entre o PE e o PB não deriva de diferenças entre as duas línguas em termos de configuracionalidade discursiva ou da marcação sintáctica de funções discursivas é coerente com propostas que retiram da componente sintáctica as funções discursivas enquanto desencadeadores de operações como movimento ou concordância (e.g. COSTA, 2004; NIEWMEYER, 2007).

De acordo com estas propostas, categorias como *tópico*, *foco* ou *contraste* não são primitivos sintácticos, e, sendo assim, não actuam na componente sintáctica nem como categorias sintácticas (por exemplo, enquanto categorias funcionais), nem como traços sujeitos a verificação/validação. Por contraste, análises como as de Brody (1990), Rizzi (1997), entre outros, propõem que estas noções têm relevância sintáctica, actuando como núcleos de categorias funcionais autónomas. Horvath (1986) e Aboh (2008) sugerem que as categorias discursivas são traços sintácticos.

Dois desafios se colocam, de imediato, à ideia de que as categorias discursivas não têm importe sintáctico.

Por um lado, torna-se difícil explicar os casos em que constituintes focalizados ou topicalizados recebem marcação morfológica específica (ABOH, 2008). Em modelos como os de Halle e Marantz (1993), em que a inserção de morfemas reflecte uma determinada configuração sintáctica, não é previsível que ocorra marcação morfológica sem um correlato sintáctico. Esta dificuldade pode ser contornada se se assumir que os traços correspondentes a categorias discursivas são inseridos pré-sintacticamente, mas são invisíveis para a componente sintáctica (COSTA, 2010c).

Por outro lado, a existência de variação interlinguística explicável em termos de configuracionalidade discursiva será um argumento forte a favor da ideia de que a sintaxe codifica noções discursivas. É neste sentido que os resultados de Costa (2010b) relatados na secção anterior são relevantes. Em síntese, mostrou-se que as duas variedades do português não se distinguem por propriedades da topicalização, mas sim por propriedades da concordância, o que não é atribuível a uma orientação para o discurso apenas numa das línguas. Na verdade, de acordo com Costa e Figueiredo Silva (2006), ambas as variedades apresentam construções que poderiam ser tomadas como evidência para configuracionalidade discursiva. No entanto, conforme descrito em Costa e Figueiredo Silva (2006) e Costa (2010a), não parece haver vantagem em integrar noções discursivas como primitivos sintácticos, uma vez que a configuracionalidade discursiva é aparente, decorrendo primariamente da flexibilidade de ordem de palavras independentemente disponibilizada pela sintaxe. Nestes trabalhos, mostra-se, por exemplo, que a alternância entre SV e VS para efeitos de identificação de sujeitos focalizados decorre em primeira instância do valor do parâmetro do sujeito nulo e não de uma qualquer restrição sintáctica sobre a posição de foco.

Este tipo de posição favorece amplamente a visão clássica de que a sintaxe é uma componente autónoma e cega a noções de natureza discursiva (CHOMSKY, 1957). Mais do que os problemas levantados pela marcação morfológica de tópicos e focos, constitui um desafio para esta sintaxe limpa de informação discursiva a observação de que há construções sintácticas que afectam apenas determinadas funções discursivas. A confirmar-se esta observação, estará comprometida a ideia de que a sintaxe não é afectada por informação de natureza discursiva. Na próxima secção, tratarei duas dessas construções: a construção de objecto nulo e as clivadas, mostrando que, apesar do que parece ser evidência



robusta para uma sintaxe condicionada pelo discurso, há uma primazia da sintaxe sobre as condições de natureza discursiva.

### 3 Desafios para uma sintaxe sem discurso

#### 3.1 Objecto nulo em PE e PB

É sabido que, em termos de acessibilidade, os pronominais são mais fracos quanto mais acessível estiver o seu antecedente. Assim, um pronome nulo é escolhido quando existe um tópico bastante acessível no discurso (ARIEL, 1990, entre outros). Esta condição para o uso de um objecto nulo é evidente em dados como os de (16) e (17) tem sido notada por todos os autores que trabalham esta construção (desde RAPOSO, 1986):

(16) A: E o teu carro?

B: Já não tenho Ø. Vendi Ø.

(17) A: A Maria gosta muito do teu carro.

B: Sabes que o Pedro comprou uma casa nova?

A: Não sabia.

B: #A propósito. Já não tenho Ø. Vendi Ø.

A estranheza da última frase em (17) decorre do facto de o antecedente para o objecto nulo “o teu carro” estar demasiado distante da categoria nula. Assim, à primeira vista, a construção de objecto nulo é um caso de uso de uma construção sintáctica condicionado por restrições de natureza discursiva.

Consideremos, contudo, uma distinção bem estabelecida entre o objecto nulo do PE e do PB (notada em MENUZZI 1994; KATO; RAPOSO, 1998; COSTA; DUARTE; 2001, entre outros). Enquanto em PE o objecto nulo é excluído em ilhas fortes (18a), em PB tal restrição não existe (18b):

(18) a. PE:

A: E a Maria?

B: O Zé ficou furioso porque o Pedro \*(a) beijou.

b. PB:

A: E a Maria?

B: O Zé ficou furioso porque o Pedro beijou (ela).

Uma interpretação desta diferença relaciona-a com um diferente estatuto categorial para o objecto nulo em cada uma das variedades (BIANCHI; FIGUEIREDO SILVA, 1994; COSTA; DUARTE, 2001): conforme proposto em Raposo (1986), o objecto nulo é

uma variável em PE; já em PB, na esteira de Bianchi e Figueiredo Silva (1994), o objecto nulo seria pronominal. Esta diferença explicaria a diferença nos contextos de uso: a ligação da variável seria impossível através de fronteiras de ilha forte, no caso do PE, mas o estabelecimento de co-referência entre um pronominal e o seu antecedente, ao contrário da ligação, não estaria sujeito a este tipo de restrição.

De acordo com esta hipótese, a diferença fundamental entre as duas variedades não reside na orientação da construção para tópico. Tal decorre de um mapeamento (alegaadamente) universal entre formas fortes e fracas e informações de natureza discursiva. A instanciação precisa desse mapeamento depende, em primeira instância, das possibilidades que o léxico oferece (no que concerne ao conjunto de formas nulas e pronominais disponíveis na língua), e das restrições sintácticas sobre ligação e co-referência.

Assim, observa-se que a disponibilidade da construção de objecto nulo é primariamente condicionada por princípios estritamente sintácticos.

### 3.2 Estruturas clivadas em variedades não *standard* do PE

As estruturas clivadas são um exemplo clássico de construção que afecta constituintes focalizados. Assim sendo, seriam um caso de sensibilidade da sintaxe a informação de natureza discursiva, porque se trataria de uma operação sintáctica a afectar apenas os constituintes portadores de informação sobre focalização (eventualmente, constituintes com um traço [foco]).

Costa e Lobo (2009) e Vercauteren (2010) descrevem vários tipos de estruturas clivadas com “é que”, não existentes nas variedades *standard* do português europeu. Em particular, interessa a estes autores a possibilidade atestada em várias regiões do país de se encontrar clivadas com *é que* recursivo, como nos exemplos em (19):<sup>1</sup>

- (19) a. E lá *é que é que* eu vi. (SRP21)
- b. Só eu *é que é que* disse coisas a um veterinário. (CBV59)
- c. lá na Caixa *é que é que* foi que me ensinaram aquela coisa. (AAL33)
- d. É por causa disso *é que é que* lhe chamavam o ladrão. (AAL12)
- e. Era com pão mole *é que é que* se fazia aquilo. (CBV38)

Em Costa e Lobo (2009), os dados que envolvem recursividade de *é que* são analisados como uma instância específica de recomplementação. A recomplementação existe nas variedades *standard* do PE, afectando tópicos explícitos, como ilustrado em (20):

- (20) Eu disse que a Maria que chegou ontem.

---

<sup>1</sup> As indicações à frente dos exemplos permitem a identificação das localidades de onde provêm os exemplos, de acordo com a notação do *corpus* Cordial-SIN. Para mais informações sobre o *corpus* e a selecção dos exemplos, consultem-se Costa e Lobo (2009) e Vercauteren (2010).

De acordo com a análise proposta em Costa e Lobo (2009), as estruturas clivadas com recursividade de *é que* envolvem clivagem de um tópico nulo, conforme representado em (21):

(21) [CP [C' *é que* [CP Ø [C' *é que*

A análise da recursividade de *é que* em termos de clivagem de um tópico nulo é sustentada pela existência de frases em que *é que* se encontra em posição inicial de frase, em contextos em que se esperaria que fosse precedido de um constituinte, facilmente recuperável pelo contexto. Por exemplo, nas frases de (22), a posição antes de *é que* poderia estar preenchida com um anafórico temporal como “então” ou “nessa altura”:

(22) a. Primeiro fincavam os paus na parede e *é que* ficava mais altinho.

(CLH20)

b. E eu, às vezes, era rapazote e *é que* ia a cavalo nela. (GIA19)

c. E depois deita-se coalho e *é que* se faz o queijo. (STE32)

O mais relevante para a discussão neste artigo é que, de acordo com a análise de Costa e Lobo (2009), a clivagem não é uma estrutura que afecta apenas constituintes focalizados. Pode afectar tópicos e, inclusive, tópicos nulos. Assim sendo, não se trata de uma construção reservada a uma função discursiva específica. De acordo com o tipo de relação entre sintaxe e discurso que aqui se propôs, as clivadas são uma configuração disponibilizada pela componente sintáctica, sendo o seu uso determinado pós-sintacticamente. Este tipo de análise para as clivadas explica que se encontrem quebras de isomorfia entre constituinte clivado e estrutura informacional, como as documentadas em Erades (1962), Santos (2006), Vercauteren (2010), entre outros, e ilustradas em (23):

(23) A: Chegaste atrasado. Houve um acidente?

B: Não. O meu carro é que teve uma avaria.

Em (23), o sujeito é clivado, mas toda a frase em B constitui informação nova e o foco que é contrastado com a situação descrita em A. Entendendo-se que as estruturas clivadas podem ser usadas em vários contextos, não sendo operações sintácticas que afectam um constituinte que é focalizado e, por isso, movido para uma posição específica, entende-se que seja possível encontrar casos como este em que não há um mapeamento perfeito entre o constituinte que é clivado e a parte da frase que é foco contrastivo.

## Conclusão

Retomando a evidência de Costa (2010b) a favor da ideia de que a proeminência de tópico não é um factor de variação entre o PE e o PB, defendi, neste artigo, que a configuracionalidade discursiva não constituirá factor de variação, se se assumir que a sintaxe é cega a noções de natureza discursiva, uma vez que tópico e foco não são categorias sintácticas.

Algumas construções parecem colocar problemas a esta visão de uma sintaxe livre de discurso. Mostrei que, apesar das aparências, a disponibilidade da construção de objecto nulo em contextos específicos depende, em primeira instância, da natureza sintáctica da categoria nula envolvida. De igual modo, apoiando-me no comportamento das estruturas clivadas de variedades não standard do PE, defendi que as clivadas não afectam necessariamente constituintes focalizados, sendo antes um recurso sintáctico que diferentes variedades podem usar para diferentes fins discursivos. Quer num caso, quer no outro, estamos, assim, perante construções que são primariamente condicionadas pela sintaxe das línguas, sendo sustentável a ideia de que o discurso actua pós-sintacticamente, fazendo uso das construções que a sintaxe coloca ao seu dispor.

De acordo com a linha de argumentação aqui defendida, a configuracionalidade discursiva não é um factor de variação sintáctica. Deste modo, não se espera que constitua também um factor explicativo da mudança diacrónica. No caso específico da variação entre PE e PB, parece ser mais produtiva a linha de investigação que explora as propriedades da flexão, uma vez que, conforme defendido em Costa (2010b), as diferenças cruciais entre as duas variedades estão no comportamento da concordância e não nas estratégias disponíveis para a promoção de tópicos.

## Referências

- ABOH, Enoch (2008). *Information structure begins with the numeration*. Ms., University of Amsterdam.
- ARIEL, Mira (1990). *Accessing noun phrase antecedents*. London: Routledge.
- BIANCHI, Valentina; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (1994). On some properties of agreement object in Italian and Brazilian Portuguese. In : MAZZOLA, Michael L. *Issues and Theory in Romance Linguistics. Selected papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages XXIII*, a c. di Michael L. Mazzola, 181-197. Washington, D.C. : Georgetown University Press.
- BRODY, Michael (1990). Some remarks on the focus field in Hungarian. *UCL Working papers in Linguistics 3*, London.
- CALLOU, Dinah; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2005). A fixação do verbo ter em contextos existenciais. In: DUARTE, Inês; FARIA, Isabel (Org.). *Actas do 20º Encontro da APL*, APL, Lisboa. p. 149-156.
- CHOMSKY, Noam (1957). *Syntactic structures*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- COSTA, João (2004). *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.

- COSTA, João (2010a). Prosodic proeminence: a syntactic matter? In: ERTESCHIK-SHIR, N.; ROCHMAN, L. (Ed.). *The sound pattern of syntax*. New York: Oxford University Press.
- COSTA, João (2010b). PB e PE: orientação para o discurso importa? A publicar em *Revista de estudos da linguagem*.
- COSTA, João (2010c). Discourse-free syntax. Conferência no *XX Colloquium on Generative Grammar*, Universidade Pompeu Fabra, Barcelona.
- COSTA, João; DUARTE, Inês (2003). Objectos nulos em debate. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Org.). *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mateus*. v. 1. Lisboa: IN-CM. p. 249-260
- COSTA, João; DUARTE, Inês; SILVA, Cláudia R. (2006). Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs soletração do traço pessoa. *Revista leitura*, Maceió, n. 33, p. 135-145.
- COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (2006). On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics. In: MOLNÁR, Valéria; WINKLER, Susanne (Ed.). *The architecture of focus*. Berlin: Walter de Gruyter. p. 83–104.
- COSTA, João; LOBO, Maria (2009). Estruturas clivadas: evidência dos dados do português não standard. In: *Anais da ABRALIN 2009*. p. 3800-3806.
- COSTA, João; ROORYCK, Johan (1995). On pseudo-raising in English and Portuguese. In: NASH, L. et al. (Org.). *Proceedings of Langue et Grammaire 2*, Paris VII. p. 48-58
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2004). On the embedding of a syntactic change. *Language variation in Europe: papers from ICLaVE2*. Uppsala, Sweden: Universitetstryckeriet. p. 145-155.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2007). Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, Ataliba T. de; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini; LOPES, Ruth E. Vasconcellos (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato*. São Paulo/Campinas: Fapesp/Pontes. p. 35-48.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary (2008). Mudança paramétrica e orientação para o discurso. Comunicação apresentada no *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga.
- DUARTE, Inês (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Lisboa. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- DUARTE, Inês (1996). A topicalização em português europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (Org.). *Congresso Internacional sobre o Português, Actas*. Lisboa: Colibri. p. 327-360.
- DUARTE, Inês; FREITAS, M. João; GONÇALVES, Anabela; MIGUEL, Matilde; RODRIGUES, Celeste (2002). Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB. Paper presented at the *III Workshop do Projecto PE-PB*. Lisboa, September 23-25.
- ERADES, P. (1962). Points of modern English syntax XLIII. *English studies*, v. 43, p. 136-141.
- FERREIRA, Marcelo B. (2000). *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (1996). *A posição do sujeito em português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GALVES, Charlotte (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec (1993). Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, J. (Ed.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press. p. 111-176.
- HORVATH, Julia (1986). *Focus in the theory of grammar and the syntax of Hungarian*. Dordrecht: Foris.
- KATO, Mary; TARALLO, Fernando (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. In: JAEGGLI, Osvaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen (Ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. p. 343-58.
- LI, C-N.; THOMPSON, S. (1976) Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C-N (Ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press. p. 457-489.
- NEWMeyer, Frederick (2007). In defense of the autonomy of syntax. Handout of presentation at *Scandinavian Dialect Syntax Meeting*, University of Tromsøe.
- PONTES, Eunice (1987). *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- RAPOSO, Eduardo (1986). On the null object construction in European Portuguese. In: JAEGGLI, Osvaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen (Org.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. p. 373-390.
- RIZZI, Luigi (1986). On the status of subject clitics in Romance. In: JAEGGLI, Osvaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen (Ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris. p. 391-419.
- RIZZI, Luigi (1997) The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht. p. 281-337
- SANTOS, Ana Lúcia (2006). *Respostas mínimas: eclipse, sintaxe e discurso na aquisição do português europeu*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- VERCAUTEREN, Aleksandra M. W. (2010). *Como é que é com o é que? Análise das construções com é que nas variedades não standard do português*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

